

Empoderamento feminino: trabalhando a autoestima na escola

Empoderamiento femenino: trabajando la autoestima en la escuela

Female empowerment: working on self-esteem at school

Bruna Leticia da Silva Bueno¹

Heloisa Helena Duval de Azevedo²

Resumo

A mulher na sociedade sofre com um grande enquadramento que exige uma pseudo perfeição sobre o seu ser e a sua aparência. Não se pensa na pluralidade feminina, excluindo as diferentes belezas e construindo uma única visão do que é bonito e o que deve ser reproduzido. Com isso, o desgaste emocional para que se consiga chegar ao padrão estabelecido fere com a autoestima da mulher, o amor próprio é reprimido em busca do “ser mulher” ideal. Essa imposição inicia-se cedo, com o contato precoce com a tecnologia, meninas já reconhecem e interiorizam o padrão ideal que devem seguir, e mesmo crianças, buscam por esse objetivo, não reconhecendo a beleza própria que possuem. Dessa forma, pode-se pensar em quais atividades a escola, local onde a criança constrói novos saberes, pode realizar para que se valorize a diversidade e empodere a mesma. O PET GAPE realizou oficinas em escolas, com hidratantes e cremes caseiros ou de baixo custo, ensinando às crianças como cuidar de seu próprio cabelo, com o objetivo de reconhecimento sobre a sua própria beleza, mostrando celebridades que assumem a sua beleza natural, para que as crianças se auto reconheçam e admirem uma beleza não padronizada, contribuindo com a sua autoestima e tornando a informação acessível para todos.

Palavras-Chave: autoestima; cabelos; empoderamento; escola; feminismo.

Resumen

La mujer en la sociedad sufre con un gran encuadramiento que la exige una pseudo perfección sobre su ser y su apariencia. No se piensa en la pluralidad femenina, excluyendo las diferentes bellezas y construyendo una única visión de lo que es hermoso y lo que debe ser reproducido. Con eso, el desgaste emocional para que se logre llegar al patrón establecido hiere con la autoestima de la mujer, el amor propio es reprimido en busca del "ser mujer" ideal. Esta imposición se inicia temprano, con el contacto precoz con la tecnología, las niñas ya reconocen e interiorizan el patrón ideal que deben seguir, e incluso niños, buscan por ese objetivo, no reconociendo la belleza propia que poseen. De esta forma, se puede pensar en qué actividades la escuela, local donde el niño construye nuevos saberes, puede realizar para que se valore la diversidad y empodere la misma. El PET GAPE realizó talleres en escuelas, con hidratantes y cremas caseras o de bajo costo, enseñando a los niños cómo cuidar de su propio cabello, con el objetivo de reconocimiento sobre su propia belleza, mostrando celebridades que asumen su belleza natural, para que los niños se auto reconocen y admira una belleza no estandarizada, contribuyendo con su autoestima y haciendo la información accesible para todos.

Palabras claves: autoestima; el pelo; empoderamiento; feminismo; la escuela.

Abstract

Woman in society suffers with a great framework that demands a pseudo perfection about her being and her appearance. One does not think of feminine plurality, excluding the different beauties and constructing a single

¹ Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de Pelotas - UFPel; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; autora@email.com

² Doutora em Filosofia, Professora Adjunta na Faculdade de Educação na Universidade Federal de Pelotas – UFPel; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; profa.heloisa.duval@gmail.com

vision of what is beautiful and what must be reproduced. With this, the emotional exhaustion to reach the established standard hurts the woman's self-esteem, self-love is repressed in search of the ideal "being woman." This imposition starts early, with early contact with technology, girls already recognize and internalize the ideal standard they should follow, and even children, seek for this goal, not recognizing the beauty they own. In this way, one can think of which activities the school, where the child builds new knowledge, can realize so that the diversity is valued and empowers the same. PET GAPE has held workshops in schools, with homemade or low-cost moisturizers and creams, teaching children how to care for their own hair, with the aim of recognizing their own beauty, showing celebrities who take their natural beauty, that children recognize themselves and admire non-standard beauty, contributing to their self-esteem and making information accessible to all.

Keywords: empowerment; feminism; hair; school; self-esteem.

1. Introdução

A imposição sobre o padrão de beleza da mulher fornecido pela mídia provém de um longo percurso histórico. Antes de serem julgadas pelo seu próprio potencial, são julgadas pela sua aparência. O modelo de mulher acolhida e inativa (MORENO, 2008), está sendo transformado a passos lentos, com uma forte resistência do conservadorismo.

Uma grande colaboração para a construção do padrão de beleza feminino é, certamente, a mídia. Com o seu grande potencial de propagação de informações e idealização sobre as formas de viver, mulheres se transformaram em alvo de padronizações sobre comportamento, corpo, vestimenta, e até mesmo individualidades, como seus traços e seus cabelos.

Tais imposições apresentam-se como uma violência psicológica, de acordo com Vianna (2005). A partir da visão da autora, a mulher serve como uma “embelezadora de ambientes”, na qual deve se submeter a inúmeras condições estéticas para serem aceitas pela sociedade, provocando um desajuste emocional e físico na busca de conseguir se encaixar nos padrões,

O grande problema da imagem feminina exibida nos meios de comunicação está não só na ideia, muitas vezes inconsciente, de que a função primordial da mulher é embelezar o ambiente, mas principalmente na ausência de discussão sobre o quanto essa postura gera malefícios para as mulheres, impondo padrões estéticos discriminatórios e que contradizem explicitamente os estudos e tratados de direitos humanos das últimas décadas (VIANNA, 2005, p. 2).

Com isso, é possível perceber que não se pensa na pluralidade feminina, as diferentes etnias e cores de pele de modo geral são descartadas e apenas uma beleza é valorizada: a branca, magra e, resumidamente, europeia. Como aponta Dantas & Florencio (2018), esse tipo de violência recai sobre a mulher negra, já que o padrão estético não valoriza a beleza e cultura negra. Aquelas que não se encontram nesse modelo, buscam diversas formas para conseguirem se enquadrar;

A sociedade brasileira por muito tempo não viu negros em revistas, jornais e outros veículos midiáticos. Além disso, a valorização e criação de estereótipos, faz com que

o que chamamos aqui de racismo institucional midiático se transforme também em uma fórmula de apelo a vendas. As mulheres negras quando ocupam espaço na mídia, dificilmente são vistas, seguindo um padrão estético de mulher negra natural, por assim dizer, isto é, pele com matizes escuras e cabelo afro. O cabelo, em especial é retrato da negação de uma estética negra (2018, p. 3).

Com essa desvalorização, mulheres sofrem desgastes emocionais para que se consiga chegar aos modelos estabelecidos. Seu amor próprio não é construído, sendo substituído pela busca dos traços mais finos, a pele mais clara e o cabelo mais liso. “A indústria de mídia televisiva parece dizer às mulheres afrodescendentes que elas precisam alisar o cabelo, porque a “fulana” da TV tem o cabelo desse tipo.” (DANTAS & FLORENCIO, 2018, p.7).

Crianças que estão cada vez mais inseridas no mundo tecnológico e repleto de informações, desde cedo internalizam e reconhecem o “modelo ideal para uma mulher” e tentam alcançá-lo e reproduzi-lo, não reconhecendo a beleza própria que possuem;

A deformação da imagem feminina deve ser tratada não só como assunto de saúde pública, por envolver o desenvolvimento mental feminino adequado, mas também como uma forma de discriminação, já que há tratamento completamente desigual sobre a estética feminina, privilegiando apenas alguns tipos físicos, e, no caso de crianças e adolescentes, criando um grande obstáculo ao seu desenvolvimento físico e mental (VIANNA, 2005, p. 4).

Ideias como “cabelo ruim” são fortemente expostas para meninas e meninos, como vistos para a autora Costa (2011), ter o cabelo crespo proporciona vergonha, tristeza e frustração, com frequentes praticas de bullying pela falta de aceitação sobre a beleza de um cabelo diferente do liso.

A escola, sendo o ambiente principal de socialização e construção de aprendizagens e culturas na vida de uma criança, precisa ser um local que estimule o respeito e tolerância, realizando atividades que valorize a diversidade e empodere a mesma.

O Programa de Educação Tutorial – Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular (PET GAPE) por meio de parcerias com escolas, realiza atividade de ensino, pesquisa e extensão, que visam aplicar e promover a educação popular. Essa, de acordo com Freire (2000, p. 50), significa:

Trabalhar lucidamente em favor da escola pública, em favor da melhoria de seus padrões de ensino, em defesa da dignidade dos docentes, de sua formação permanente. Significa lutar pela educação popular, pela participação crescente das classes populares nos conselhos de comunidade, de bairro, de escola. Significa incentivar a mobilização e a organização não apenas de sua própria categoria, mas dos trabalhadores em geral como condição fundamental da luta democrática com vistas à transformação necessária e urgente da sociedade brasileira.

O PET GAPE é um PET Conexões de Saberes, isto é, um grupo que conta com diferentes áreas de conhecimento. Cursos como psicologia, pedagogia, cinema e audiovisual, jornalismo, cinema de animação, artes visuais e design estão inseridos no PET GAPE, colaborando com um extenso compartilhamento de saberes e produções. Cada atividade realizada pelo grupo, é pensada em como cada bolsista poderá colaborar dentro de sua área.

Pensando na educação popular e na frequente desvalorização dos cabelos crespos e cacheados, o PET GAPE realizou oficinas em escolas públicas de Pelotas com o objetivo de empoderamento feminino e negro para os estudantes.

2. Metodologia

Em uma reunião semanal do PET GAPE, foi colocado como pauta possíveis ações em escolas que pudessem contribuir com a tolerância e a diversidade entre os alunos. A atividade foi pensada depois da reflexão do grupo sobre como um aspecto tão individual como o cabelo de uma mulher é importante e mesmo para meninas, é transformado em violência tanto consigo mesma – tentando buscar o padrão do cabelo “perfeito” – quanto com violências externas, como o bullying praticado pelos colegas e pela mídia.

Bolsistas de cabelo cacheados e crespos colocaram as suas visões pessoais sobre o seu percurso escolar com o seu cabelo natural, relatando a sua dificuldade de aceitação por parte dos colegas, mídia e também de seus pais. Consequentemente, era difícil ver beleza na diferente ondulação e textura que possuía.

Assim, surgiu a ideia de realização de oficinas em escolas públicas de Pelotas, que ensinassem e mostrassem as alunas e alunos a beleza dos diferentes tipos de cabelos, fazendo que reconheçam em si essa beleza. Uma forma disso acontecer é mostrando as estudantes, diversas mulheres famosas e bem-sucedidas que usam de seu cabelo natural. Dessa forma, elas veriam os diferentes tipos de texturas e ondulações e reconheceriam ali qual era o seu tipo de cabelo e como o mesmo era lindo.

Como a informação sobre cabelos crespos e cacheados ainda é muito restrita e nova, os tipos de cabelo podem ainda não ser de conhecimento das alunas. Pensou-se então, em realizar um cartaz que ilustrasse o que seria um cabelo ondulado, um cacheado e um crespo, e como eles são nomeados.

Os cabelos ondulados são denominados “tipo 2” e sua ondulação é dividida em A, B e C. Os cacheados são o “tipo 3” e sua curvatura é dividida entre A, B e C. O mesmo acontece com o cabelo crespo, “tipo 4”. As letras representam se o fio é mais solto e aberto até os fios

menores e mais fechados. No cartaz, foi utilizado figuras de mulheres famosas como Oprah Winfrey e principalmente brasileiras, como Camila Pitanga, Débora Nascimento, Taís Araújo e Sheron Menezes, com o intuito de serem rapidamente reconhecidas pelas alunas, assim como valorizar e mostrar a pluralidade da beleza brasileira;



Figura 1 – Bolsistas apresentando o cartaz realizado pelos bolsistas do curso de Design Gráfico.

Fonte: acervo pessoal.

Ao ser apresentado o cartaz, todas procuraram em si e identificaram qual era o seu tipo de curvatura, passando a chama-lo pelo número e letra indicado. É importante conhecer o tipo do cabelo para que saiba qual a forma de cuidado necessário para o próprio cabelo. Reconhecendo que por muito tempo apenas os cuidados de um tipo de cabelo foram ensinados pela mídia, é necessário que os cuidados de todos os tipos sejam apresentados. A simples forma de pentear é diferente de um cabelo liso para um cabelo cacheado e um crespo. Os produtos utilizados são diferentes e a finalização de cada um, também é. Saber cuidar de seu próprio cabelo é entrar no processo de gostar de si mesmo, melhorar a própria autoestima, ver beleza no seu tipo de curvatura.

Posterior a apresentação do cartaz, foi iniciado uma demonstração pela bolsista graduanda do curso de Psicologia, sobre o cuidado ideal com o cabelo crespo e cacheado, apresentando a forma adequada de manuseamento com os fios e também, itens de baixo custo que poderiam ser utilizados para esse momento.

Com a breve demonstração, foi disponibilizado para as alunas cremes de cabelo, pentes, escovas, borrifadores com água e itens que colaborem para prender e dividir o cabelo, para que elas ficassem livres para realizar o procedimento. Nesse momento, todas estavam empolgadas com a oficina, inspiradas em um momento de produção de beleza e cuidado com si mesma;



Figura 2 – Alunas realizando a oficina.

Fonte: acervo pessoal.

Todos os bolsistas presentes auxiliaram as alunas, e um fato muito importante de se ressaltar é que as próprias alunas começaram a se ajudar. Prestavam ajuda a colega e a mesma a auxiliava depois. Trouxeram dicas que já sabiam para conhecimento do grupo e se elogiavam constantemente, exaltando a beleza entre as lisas, onduladas, cacheadas e crespas. Cabelos que chegaram presos e escondidos, voltaram para casa soltos, brilhosos e empoderados.

Ao final da oficina, foi apresentado as alunas algumas opções de hidratações caseiras, com uso de babosa (aloe vera) e amido de milho, itens que podem ser encontrados em casa e colaborarão com o autocuidado e a sua permanência. Para que não se esqueçam, a bolsista de pedagogia construiu um pequeno lembrete com as receitas e o entregou juntamente com pequenos “tic-tacs” com o detalhe de fuxicos amarelos produzidos pela mesma.

A oficina intitulada “Madeixas”, conseguiu realizar o seu objetivo: estimular o autocuidado, oferecer a representatividade e empoderar as alunas e seus fios. Foi apresentado que não é difícil o cuidado com os cabelos, não sendo necessário o uso de produtos caros para que o zelo com as madeixas permaneça. Além disso, foi criado um ambiente de cooperação entre as alunas e também um sentimento de pertencimento de grupo, visto que todas receberam e utilizaram os tic-tacs, fazendo com que se sintam parte de uma equipe que cuidou de seus fios e auxiliou no aumento de sua autoestima.

3. Considerações finais

Trabalhar questões individuais na escola pode ser uma tarefa complicada, necessitando de uma análise e observação por parte dos funcionários da escola, verificando quais os pontos extracurriculares mais urgentes que alunas e alunos estão expondo. Um assunto como os cabelos de meninas e meninos, pode ser visto como insignificante e desnecessário, mas assim como foi observado, é um tema delicado que interfere no bem-estar de crianças, podendo se tornar um problema quando adulto.

A questão da representatividade é essencial para promover a autoestima, cuidar de si mesmo e gostar de si mesmo é um processo que deve ser iniciado desde cedo, buscando que os padrões midiáticos não se internalizem e provoquem o efeito de violência psicológica, como apontado pela autora Vianna, 2005.

A oficina realizada atingiu o esperado e mais do que isso, possibilitou um empoderamento coletivo, com as alunas auxiliando umas as outras, elogiando as colegas, melhorando a autoestima própria e de suas amigas. Nenhum tipo de cabelo foi deixado de lado e visto como inferior, desde o liso até o crespo, os fios estavam soltos e cuidados, mostrando sua beleza e sendo admirado por todas. Isso pode ser visto como o exercício da sororidade:

“Sororidade” é uma palavra que não existe na língua portuguesa, ela foi criada pelo movimento feminista e tem como princípio básico a aliança feminista entre mulheres. Sororidade é um conceito macro de experiências subjetivas entre mulheres na busca por relações positivas e saudáveis, na construção das alianças existenciais e políticas com outras mulheres, contribuindo para a eliminação de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para alcançar o empoderamento de cada mulher. (MARUO et al, 2017, p. 45)

Como resultado, foi visto que muitas alunas ainda não conheciam o procedimento demonstrado, ficando impressionadas e felizes quando foi evidenciado sobre a facilidade de cuidar de seus próprios fios, já que foi dada a autonomia para elas sobre esse momento. Foram enfrentados alguns obstáculos, como as alunas que não queriam participar da oficina pelo motivo que os pais não gostavam que elas soltassem o cabelo na escola. Respeitando a vontade das alunas que demonstraram essa preocupação, e para que não ficassem sozinhas, foi sugerido que elas auxiliassem as colegas que estavam realizando a oficina, com o intuito delas aprenderem, mesmo não podendo praticar em si mesmas.

Além das alunas que tiveram esse momento de aprendizado e cooperação, o mesmo foi aplicado entre os bolsistas do PET GAPE. Os mesmos se juntaram para construir a oficina, dando ideias e produzindo diferentes materiais, como o cartaz, o lembrete com as receitas caseiras e também, as receitas caseiras que foram disponibilizadas para as alunas.

“Madeixas” foi uma oficina que oportunizou a valorização da diversidade para crianças, colaborando com a construção de diferentes visões do que é bonito. A autoestima foi aumentada e o empoderamento, construído. Planeja-se continuar com a mesma em diferentes escolas públicas de Pelotas, para que esse conhecimento e momento seja mais amplamente divulgado.

Referências

COSTA, I. S. Por que o cabelo (não) é ruim. In: *II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS, LITERATURAS E CULTURAS AFRICANAS E AFROAMERICANAS*. Xique-Xique. Bahia. 2011.

DANTAS, C.; FLORENCIO, A. Racismo institucional midiático - A representação das mulheres afrodescendentes na mídia televisiva pernambucana. In: *41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO* – Joinville – SC, 2018.

MARUO, R. Et al. A importância da inclusão do tema feminismo nas matrizes curriculares das universidades paulistas. *Rev. Ibirapuera*, n. 13, p. 43-46, 2017. ISSN: 2238-6335. Disponível em: www.seer.unib.br/index.php/rev/article/download/107/132 . Acesso em: 07 jan. 2019.

MATOS, L. “Não é só cabelo, é também identidade”: transição capilar, luta política e construções de sentido em torno do cabelo afro. In: *Anais da 30ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, João Pessoa, 2016.

MORENO, R. *A beleza impossível: mulher, mídia e consumo*. São Paulo: Ágora, 2008. 80 p.

SANTANA, B. Mulher, cabelo e mídia. *Revista Comunicare*. V. 14 ed. 1 – 1º Semestre de 2014. ISSN: 1676-3475. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/Mulher-cabelo-e-m%C3%ADdia.pdf> . Acesso em: 23 nov. 2018.

VIANNA, C. S. M. “Da imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos direitos humanos.” In *Revista da Faculdade de Direito da UFPR*, 2005, p. 1-13. ISSN: 0104-3315. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/direito/article/view/6991/4969> . Acesso em: 23 nov. 2018.